



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

Re(co)memorar - Selffragmentos e Trave(st)ssias na Busca da Plenitude Travesti

Autoria: Iêda Figueiró de Oliveira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

A presença de pessoas trans no ambiente acadêmico hegemônico enquanto criadoras de conhecimento e não somente enquanto objetos de pesquisa se trata de um fato ainda bastante recente. Nesse contexto e a partir de minhas próprias experiências e percepções, posso notar que o sistema acadêmico em geral e também no Brasil permanece ainda definido por estruturas e pressupostos binários, muitas vezes totalizantes e em diversos âmbitos ainda analisando processos e dinâmicas sociais e da vida cotidiana a partir de uma ótica colonial e ocidentalizante. Nessa conjuntura e a partir de meu ingresso na Pós-graduação em Antropologia Social na UFG, para realização de pesquisa de mestrado, busco no presente work ressaltar o deslocamento de certos lugares de fala hegemônicos, contrapondo este deslocamento e comparando-o com minha própria trajetória enquanto pesquisadora e arte-criadora travesti, ao mesmo tempo em que relaciono essa empreitada com projetos descoloniais latino-americanos e (trans)feministas. Busco comemorar, celebrar e rememorar minhas experiências nos encontros com outras pessoas trans, seus processos poéticos e suas criações, reformulando as dinâmicas nas quais minha identidade foi se trans-formando através de posturas que chamo de ?resistências?. Nessa postura proponho um exercício de reavaliação e redimensionamento de minha própria realidade e dos universos que me rodeiam. Através de uma abordagem antropológica auto etnográfica (desenvolvida através de colagens de imagens, teorias, sentimentos, encontros, afetos e da escrita) e de uma etnografia de práticas artísticas, traçada no encontro com outras criadoras e narrativas trans, o objetivo geral seria o de repensar os possíveis processos de subjetivação-criação-de-si. Considero aí variados repertórios culturais acionados a partir da arte e busco analisar, nessa empreitada, os conhecimentos produzidos por artistas transgêneros e/ou não-binários no centro-oeste do Brasil e, mais especificamente, no meu trânsito entre Goiânia e Brasília. De um modo geral a pesquisa está engajada no estabelecimento de compreensões a respeito dos modos pelos quais alguns destas(es) agentes sociais



buscam a descolonização de seus corpos e espaços a partir de suas vivências transgênero e de suas práticas artísticas, traçando nesse movimento novas cartografias sobre os universos simbólicos e identitários que ali emergem, à despeito de inúmeras tentativas de silenciamento e de marginalização com as quais estas/estes sujeitas/sujeitos se defrontam cotidianamente.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: